

ABRAVEJA
9
(1)
6
3
119(3)



O AMIGO DA ORDEM.

*Rara temporum felicitate, ubi sentire, quae velis,
et quas sentias, dicere licet!*

Tac. Hist. Lib. I.

Tendo nós chegado finalmente a esta felicidade de tempos, em que he permitido a qualquer o dizer a verdade, e tendo-se publicado, e continuando a publicar-se tantos estimaveis Periodicos, que tanto concorrem para o estabelecimento do Systema Constitucional, donde absolutamente depende o bem da Nação; eu me animo tambem a publicar este só com o fim de communicar aos meus Compatriotas algumas idéas politicas e moraes, e de concorrer por este modo para a manutenção da presente ordem de couzas, em que todo o homem de bem, e de algumas luzes se deve interessar. Praza a DEOS, que os meus escriptos se conformem sempre com as opiniões dos homens sensatos e virtuosos, e que tambem possam servir de modelo á mocidade Portugueza, para que no seu ardimento de escrever nunca transgrida os limites, que a este respeito prescreve a razão, a justiça e a boa ordem!

Meus Concidadãos! As Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza, este Congresso tão illustre, em que a Patria tem fundado todas as suas esperanças de se tornar a vêr subida ao cumulo

de gloria , a que a soberão elevar nossos Maiores , quando tambem tinhão Cortes , e de que a tem feito decahir o egoismo , a superstição , e a má fé dos ultimos tempos ; este Augusto Congresso , torno a dizer , composto de homens tão sabios , e que vós mesmos elegestes para tratarem do bem commum , quando nos pertendem restituir a todos os direitos , que nos competem como homens , exigem ao mesmo tempo , que nós façamos de nossas naturaes facultades um uso parco e moderado , e sempre conforme ao bem geral da Nação. Escrevâmos sim , mas escreva-se só com o fim de instruir o povo , e de o conter nos verdadeiros limites , que exige o bem da sociedade. E de que modo se poderá obter o bem publico , senão concorrendo cada um de nós , quanto podér , para a manutenção e estabelecimento dos bons costumes , sem os quaes de nada valem boas Leis ? Para se manter e consolidar a presente ordem de couzas nada contribuirá tanto , como a instrucção do povo , para que elle saiba conhecer a differença que há entre a Religião e a Superstição , entre a Piedade e o Fanatismo , entre a Virtude e a Hypocrisia. Se isto não for , talvez a malicia e o orgulho ainda poderão abusar da sua ignorancia e credulidade.

Quando uma Nação he ignorante e estúpida , isto he , indifferente a seus verdadeiros interesses , o mal necessariamente domina , seja qual for a fôrma do seu governo. Neste caso o povo he punido do seu descuido , da sua nullidade , e da sua preguiça , e a tranquillidade apparente de que goza , he perturbada por todos os males , que commettem os empregados publicos. De todos os vicios politicos o mais perigozo he o silencio , que se impõem aos Cidadãos. Mas quando elles são instruidos , quando podem livremente fallar , a autoridade mais violenta se torna então , aindaque a seu pezar , polida e moderada. Dai-me um governo o mais despotico , que se possa imaginar , mas aonde o povo seja instruido , isto he a maior parte delle , e aonde se falle e escreva impunemente , e eu vos darei um governo justo e circunspecto.

Mas tal hypothese he absolutamente impossivel , porque a arbitrariedade , e a liberdade de pensar são essencialmente oppostas , e nunca jámais poderão existir ao mesmo tempo.

A instrucção , e a civilisação dos póvos , que sempre andão acompanhadas uma da outra , são de tal modo oppostas ao Despotismo , que existindo ellas , perde este toda a sua força , ainda quando se conserve debaixo do mesmo nome. Nunca um tyranno pôde governar só uma nação inteira ; elle depende dos ministros e conselheiros , e estes da opinião pública , que sempre os amolda e reduz á vontade geral. Por tanto o maior recurso do Despotismo he entreter o povo na estupidez , e usar de toda a violencia contra aquelles , que sabem , ou se atrevem a fallar. Deste modo os sabios , ou se calão , ou vão morrer miseravelmente em profundas masmorras , ou fogindo á perseguição , vão sofrer a má fortuna , que de ordinario acompanha sempre os desconhecidos em paiz estrangeiro. Quantos exemplos não temos nós destes na nossa Patria , e até nos nossos tempos !

Sendo a ignorancia o mais firme apoio do Despotismo , he por isto que os detractores , e ferozes inimigos da Constituição tanto murmurão da liberdade de Imprensa , já decidida pelas nossas Côrtes. Segundo seu antigo costume , cobrem seus interesses particulares , com a capa da Religião , divulgando que uma tal liberdade he tendente a destrui-la. Não , meus concidadãos ! Não vos deixeis illudir nem com estes , nem com outros sofismas desta natureza. Nossa verdadeira e Divina Religião não sofrerá algum detrimento ; mas sómente deixará de se chamar Religião aquillo , que só foi invenção dos homens , e que só foi inventado para vossa oppressão. Ide lêr o Novo Testamento , e vos persuadireis da verdade , com que vos fallo. A Moral de JESUS CHRISTO , nosso Devino Redemptor , por isso mesmo que he verdadeira , he a mais conforme á liberdade natural e civil do homem ; ella toda se funda no amor de Deos , e dos nossos semelhantes , e

como se poderá combinar este segundo com o Despotismo do Governo, e com tantas instituições, que só o Despotismo soube inventar para se manter?

A Lei pois de JESUS CHRISTO, estabelecendo a igualdade entre os homens, longe de ser destruída, antes será confirmada pela Constituição, que tornará todos os concidadãos iguaes a respeito das Leis. E se houver alguém tão depravado, que abuse da liberdade de escrever, atacando, ou vituperando, os Dogmas e a Moral de nossa Sancta Religião, a mesma Constituição o saberá punir, do mesmo modo que punirá todos os malfeteiros. Qualquer de nós pôde matar, ferir, ou roubar; e diremos por isso que todos somos assassinos, turbulentos, e ladrões? Não, sómente o são aquelles, que commettem taes crimes, e nem por isso nos queixamos desta liberdade.

Eu não pertendo desenvolver aqui os argumentos, que há em favor da liberdade de imprensa; assaz e optimamente fôrão elles expendidos nas Côrtes, quando se tratou desta importante questão; direi sómente que nada contribue tanto para se divulgar a instrucção, e que sem esta não pôde haver nem Constituição, nem boa execução das Leis, nem bons costumes, e que se assim não fosse não teria sido comprovada, como foi, pela maioria do respeitavel Congresso das nossas Côrtes. Nem se objecte, que alguns dos illustres Deputados protestarão em favor da prévia Censura em materias de Religião, porque os que assim se comportarão, obrando de boa fé, não virão que taes protestos são inteiramente impoliticos, e tendentes a fomentar a divisão e a discordia n'uma Nação, que os elegêo para uma Assembleia, aonde as questões se deverião dicidir pela maioria de votos, unico meio que até hoje se tem descoberto para se conhecer a maior probabilidade d'uma questão. Mas reservamos esta materia para outro numero deste Periodico, aonde mais largamente fallaremos deste assumpto, que á primeira vista parece de pouca importancia.

 A POLVORA E A IMPRENSA.

*Alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amice.*

Hoa.

Tanto uma a outra cousa se auxilião,
E amigas se reforção necessarias!

EM quanto os habitantes da Africa e da Asia continuão a dormir, e a perecer em seu estúpido lethargo, apenas dando alguns signaes de vida, quando sentem os pesados golpes da feroz Tyrannia, que successivamente os despedaça e os devora; a guerreira, a illustrada Europa, levantando a gentil cabeça d'entre os torpes restos da barbaridade, forceja e labuta por despedaçar de todo as cadeias, que em outro tempo lhe lançára a Superstição e o Feudalismo. Em vão o Despotismo armado do costume e da antiguidade emprega toda a sua força e astucia para illudir os ataques da Razão e da Liberdade, que fiel e estreitamente alliadas vão ganhando mais e mais terreno, e correm a passos gigantescos para o seu triumpho. Se alguma vez encontrão obstaculo que as embarace na sua marcha, ellas então semelhantes a uma accumulção de fluido electrico que pertende equilibrar-se, rompem com maior estampido e rapidez, e tanto mais se adiantão, quanto mais tinham sido retardadas. A realidade d'um tal phenomeno se comprova bem pelo que há pouco aconteeço na Hespanha, em Napoles, e na nossa feliz Patria, e pelo que em breve tempo acontecerá na Austria e na Prussia, se he dado aos homens o prever algum futuro, discorrendo de causas existentes para os effeito, que elles devem produzir.

Nada menos se devia esperar da divinal invenção da Polvora e da Imprensa; esta porque augmentou e illustrou

a razão humana, divulgando as letras; aquella porque igualou as forças entre Peões e Vassallos, entre homem e homem, concorrendo ambas igualmente para a propagação e manutenção das Artes e das Sciencias. Que effeito poderião ter as luzes divulgadas pela Imprensa, se ainda hoje um senhor cavalleiro podesse aterrar miscraveis peões com o brilho de suas armas, e pela destreza em as saber manejar? Que inuteis serião os clamores da Razão contra os seus pergaminhos, contra a sua lança, e contra a sua fidalguia toda coberta de ferro! Em taes circumstancias a Imprensa apenas serviria para transmittir aos vinhadores as composições de vagabundos Trovadores, que só cantarião as guerras e os amores, as violencias e os festins de brutaes e teimosos Barões, que porião todo o direito e justiça na ponta da sua espada. Foi preciso pois que a invenção da Pólvora viesse auxiliar a da Imprensa, e que a jerarquia da Nobreza se tornasse mais commodida e humana, sentindo que já não era invulneravel, quando uma pequena arma de fogo simples e de pouco custo podia facilmente vingar o opprimido da sua violencia. He certamente á Pólvora que a Imprensa deve todos os bens que nos tem feito, e he á Imprensa que se deve o não ser a Pólvora um mais terrivel instrumento do Despotismo, e da total ruina dos homens e das cousas humanas.

Supponhamos por um pouco que, igualadas as forças entre homem e homem pelo uso da Pólvora, a Europa ainda jazia na barbaridade do Seculo XII.; que succederia então? Ou os homens se deverião conter pelo receio uns dos outros, ou se continuassem naquelle estado de mutua oppressão e violencia, que continuada serie d'assassinios se não veria a cada passo, carecendo os povos inteiramente de policia, e sendo então a vingança por um certo modo a primeira lei do pondunor? Parece-me que ninguem será capaz d'affiançar que os homens então serião capazes de se moderar e conter, quando as paixões e interesses particulares tinhão mais podêr do que a razão e do que a justiça quasi desconhecidas. He este sem duvida o motivo porque

as despóticas nações da Asia se tem opposto tanto ao uso das armas de fogo, e porque são tão aversas á nossa tactica militar apesar de sentirem bem as suas vantagens. He um presentimento natural de que os seus males se accumularião; por isso antes querem n'uma batalha com os Europêos perder mais alguns centenares de gente, do que admittirem uma cousa, que só serviria de augmentar á terribilidade dos seus costumes. O povo de Constantinopola se levantou em massa e arrazou inteiramente a primeira Fundição, que Mr. Tott erigio naquella Cidade, e ainda hoje os Turcos olhão com horror para a Pólvora, como invenção do diabo, e de que um crente não pôde fazer uso sem commetter um gravissimo peccado contra as leis do Corão. He verdade que as circumstancias delles em parte habitarem na Europa, e de terem tantas guerras com os Europêos, os tem obrigado a ceder alguma cousa da sua opinião; mas sempre entre elles o alfange he a arma favorita e a mais nobre, e de que unicamente um homem se pôde servir contra outro. Além disto devemos tambem confessar que não se podendo fazer bom uso da Pólvora sem o aperfeiçoamento das Sciencias, e que repugnando os seus governos naturalmente a éstas, elles tambem nisto concorrem para o interesse geral daquelles miseraveis habitantes.

Nos tempos Feudaes havia só um unico meio d'um peão se subtrahir á violencia dos senhores: era este o sacerdocio, que d'um certo modo punha os individuos a nivel da Nobreza, e lhes conciliava direitos tanto mais respeitados, quanto mais então se acreditavão divinos. Eis a razão porque naquelles tempos se multiplicou tanto o Clero regular e secular, e porque este se arrogou tamanha autoridade usurpada ás Civis. Porém disto, que então na realidade era um bem, nascêrão infinitos males. Para se podêrem sustentar tantos milhares de gente ociosa, as superstições, as falsas doutrinas se forão accumulando umas sobre outras, e para se estas acreditarem foi necessaria a ignorancia; até que as cousas chegarão a tal

ponto, que da Religião só restou o nome, e a sua Moral inteiramente se pervertêo. Só era religioso quem profundamente se curvava perante um Padre tão ignorante, e talvez mais vicioso do que o seu adorador; quem acreditava na sua infabilidade sobre qualquer materia; ninguém se podia salvar sem ter feito amplas doações a Igrejas e a Mosteiros, e sem ter onerado os bens que deixava a seus filhos com encargos, que ficavão pezando sobre toda a sua posteridade. Deste modo se confundirão os direitos, o Estado perdêo toda a sua força, a corrupção se augmentou, e a miseria se tornou geral.

Certamente não se pôde decorrer a historia daquelles seculos, isto he; desde a extincção do Imperio Romano pelos barbaros do norte até ao renascimento das letras, que foi pelos fins do decimo quinto, sem que o leitor sensível não se sinta opprimido a cada passo da miseravel ignorancia daquelles tempos. A Curia Romana soberba e altiva não só pertendia opprimir o mundo, que corrompia com o máo exemplo de seus vicios, mas parece que até queria devoralo. Do alto do Capitolio descião raios e coriscos, que aterrávão não só os Póvos mas tambem os Reis; e o Vigario de Christo não se envergonhava de representar um DEOS de Paz, fazendo a guerra, nem de se chamar chefe d'uma Religião, cuja moral he toda santa e divina, quando na sua Côrte só havia corrupção, e impureza de costumes. O Monaquismo espalhado por toda a face do orbe Christão, esquecido de seus deveres e institutos, erão os terriveis instrumentos deste despotismo religioso; elles continhão os Reis e os Póvos na ignorancia, na superstição e na obediencia, e desgraçado daquelle, que ousasse oppor-se, ou desmintilos. Tudo quanto então se podia lêr, era escripto por elles, e desgraçadamente só alguns delles he que sabião lêr. Milagres absurdos, lendas pela maior parte incriveis, e visões imaginarias, e tudo com o fim dos particulares interesses de seus inventores, era isto o que se escrevia, e o que aos Póvos se inculcava, entretanto que a pureza da Moral Evangelica jazia desconhe-

cida e ignorada. Os furtos, os roubos, os adultérios, os incestos, e os assassinios se resgatávão por dinheiro, e a Côrte de Roma não tinha pejo d'um tráfico, que não tinha tido exemplo na historia dos homens. Um tal systeme corrompendo inteiramente as nações, não exigia que fosse melhor o seu governo civil. Os que são lidos na historia sabem bem que os governos de então mal merecem este nome, quando tudo era oppressão e escravidão, guerra e violencia, miseria e pobreza, debaixo do terrivel nome de Feudalismo, e que a nenhuma nação da Europa, excepto talvez a nossa, foi dado o viver isenta destes males.

He neste estado lamentavel de cousas que um homem levanta a voz no centro da Alemanha, e grita contra os abusos: a oppressão geral dá vigor ás suas doutrinas, aindaque falsas, e bem depressa lhe adquire um grande numero de prosélitos. O orbe Christão se divide em dous partidos, que para mutuamente se atacarem e defendêrem se vêm obrigados a ir desenterrar dentre o pó e o mofo da antiguidade os escriptos Gregos e Latinos: começa uma nova guerra de penna, um subito e ligeiro clarão da verdade reluz aos entendimentos, e se lanção as primeiras pedras para o grande e magestoso edificio das Sciencias. Estas desde então auxiliadas pela recente invenção da Imprensa não tem cessado de dilatar os seus dominios; nada pôde resistir á inexpugnavel força da sua luz; cede a superstição e a ignorancia, e a Razão auxiliada por ellas chega emfim a ponto de fazer com que a Pólvora defenda os seus direitos. Deste modo o imperio das Sciencias parece eterno, e que a passo igual com o mesmo tempo se irá propagando pelo mundo, e o fará mudar inteiramente de face, até que alguma catástrofe da Natureza, ou ordenada pela Providencia não venha acabar de todo com a presente geração dos homens. As Sciencias protegidas pela Pólvora e pela Imprensa não devem recear mais a antiga sorte dos Egypcios, Gregos e Romanos, porque nunca o robusto braço das nações bárbaras poderá competir com

a Tactica das armas de fogo , por mais que a civilisação enerve os nossos braços.

Na verdade a Europa instruida pela Imprensa, e defendida pela Pólvora, já não póde temer as invasões de barbaros, que noutro tempo a destruirão, e sepultarão na miseria e na estupidez. Estabelecida a paz perpétua entre os seus Estados, como nós esperamos que o seja depois de adoptado por todos o Systema Constitucional de Governo, virá um tempo em que os Principes se liguem sinceramente para afastar de todo e para sempre de suas visinhanças a séde do Despotismo, da escravidão, e do fanatismo, e a fertil e generosa Grecia tornará a produzir os heróes, que são honra e esplendôr da antiga historia. Virá um tempo, em que a superabundancia de população obrigue os Europêos a ir fazer tornar á cultura, e a civilisação as costas meridionaes do Mediterraneo, do Helesponto, e do Mar Negro, e em que polidas e civilizadas colonias farão conhecer áquelles miseraveis povos os seus erros, e a sua desgraça, e introduzirão entre elles o amor da justiça, da verdade, e das Sciencias. Resurgirão então naquelles paizes a guerreira Carthago, e a sabia Memfiz, a opulenta Tyro, e as deleitozas margens do Meandro tornarão a ser celebradas por poetas indiginas, que cantarão a felicidade, o socego, e a polidez de seus ricos cultivadores.

Não abstem contra este sonho as malogradas expedições dos Europêos contra taes paizes; porque não he depois do seculo decimo quinto o seu vigor, e a sua força, que os conserva, mas he o mutuo ciume dos Principes Europêos, que os tem auxiliado contra as tentativas de algum, que pertendia engrandecer-se. As guerras até hoje só tem sido filhas do orgulho, da intriga, da ambição, ou do interesse particular; mas, estabelecido um razoavel systema de governo, qual o Constitucional, será só a commum utilidade, a que as ha de promover, e ellas serão feitas d'um modo tal, que vingue as antigas da sua barbaridade. Os povos conquistados encherão de mil ben-

ções seus polidos conquistadores, e a Pólvora e a Imprensa, de que elles aprenderão a fazer uso, os habilitará para elles tambem subjugárem, e civilisárem as nações circunvisinhas, que lhes deverão a sua polidez e liberdade, como elles a nós mesmos. Praza aos Ceos que estas minhas visões se realizem, e que a discordia da Europa não destrua os principios, em que se funda a filantropia d'um particular amigo da ordem, e do bem geral da especie humana!

ESTREITEZA DA FAMA.

*Omnes illaerymabiles
Urgentur, ignotique longa
Nocte.*

HOR.

Sem ser chorados
Jazem todos em longa noite ignotos,

ELP. DUR.

Cicero no Livro que intitulou sonho de Scipião, pertendeo com a sua costumada elegancia e magnificencia de linguagem deprimir aquellas honras, que elle parece ter ambicionado com tanta actividade, com mostrar quão limitado, e quão estreito seja o espaço em que se circunscribe toda a fama e celebridade, que um homem pôde receber dos outros homens.

« Vêde (diz o Africano, apontando das Celestes regiões para a terra) quão pequeno he o globo destinado

para residencia e habitação dos homens; como he pois, que podereis vós obter do seu louvor alguma gloria digna de cubiçar-se? Deste pequeno globo as partes habitadas nem são muitas, nem muito extensas, e ainda essas mesmas são interrompidas por grandes desertos, ficando as nações tão separadas, que nada se pôde facilmente transmittir de uma á outra. Com os habitantes do Sul, que ficão na parte opposta da terra, vós não tendes alguma communicação; e quão estreita he aquella, que há com os paizes do Norte? O territorio, que habitais, não he mais do que uma pequena Ilha rodeada por uma pouca d'agoa, a que vós indevidamente dais o nome de Mar Grande, ou de Oceano Atlantico. E ainda neste conhecido e habitado continente, que esperanças podereis ter, de que a vossa fama passará as correntes do Ganges, ou as alturas do Cáucazo? Quem haverá, que tenha ouvido, ou pronuncie o vosso nome nas extremidades do Sul, ou do Norte, no Oriente, ou no Occidente? Tão limitado he o espaço por onde vossa fama se pôde estender! e ainda neste, que tempo poderá ella durar?»

Então proségue o eloquente orador a declarar as causas naturaes, porque a fama não só he circumscripta na sua extensão, mas tambem muito curta pelo que respeita ao tempo que ella pôde durar: nota a differença que há entre a computação do tempo no Ceo, e na terra, e affirma, que segundo a Chronologia Celeste nenhuma honras humanas podem durar nem um só anno.

Taes são os argumentos, com que Tullio quiz provar o pouco caso, que qualquer devia fazer da fama; argumentos, que bem dão a conhecer o grande amor e respeito, que elle tinha por este mimoso fantasma. Homero, quando o plano do seu Poema fez necessaria a morte de Pátroclo, quiz ao menos que elle morresse com honra; e por isso fez baixar do Ceo contra elle o divino protector de Troia, deixando sómente a Heitor a pouca honroza gloria de dar o ultimo golpe a um inimigo, a quem a mão de um Deos já tinha inhabilitado para resistir. Do

mesmo modo Cicero enobréce a fama que pertende aviltar, comparando-a com a felicidade Celeste; não restringe a sua extensão, senão pelos limites da natureza, nem contrahê a sua duração, senão com a representar curta em comparação dos superiores. Assim elle a considêra sempre como o mais nobre, e o mais elevado dos objetos terrestres, allegando contra ella pouco mais do que aquillo, que não tem limites, e o que não tem fim.

Nós presentemente não podemos saber, que effeito produzirão no espirito dos Romanos estas observações exprimidas pela eloquencia de Cicero; mas bem poucos dos que hoje lêem esta minha rasteira traducção, sentirão suas esperanças muito abatidas, ou seus desejos muito retardados. Porque não me persuado, que os que entre nós passam a vida na cultura das Sciencias, ou nas pertençações de adquirir poder e autoridade, tenham indagado com muito ardor o que se diz e julga a seu respeito da banda d'além do Ganges, nem tenham augmentado seus esforços pelo desejo de serem conhecidos sobre os gelados cumes do Cáucazo. A esperança e o receio dos espiritos do nosso tempo se contentão de vagar por uma circumferencia mais limitada: uma unica nação, e poucos annos tem geralmente sufficiente amplitude para encher a nossa imaginação.

Se um pouco meditarmos sobre este assumpto, facilmente concluiremos que a fama tem outros limites, sem serem os mares e as montanhas, e que se alguém fundar toda a sua felicidade na frequente repetição de seu nome, pôde gastar toda a vida em propagalo, sem ter de chorar por novos mundos, nem de passar o Atlantico.

O numero das pessoas, que se interessão no maior poder, ou na mais activa diligencia, pela esperança de algum bem, ou pelo receio de algum mal, que dahi provenha, não he muito consideravel; e quando não obra nem o beneficio, nem o prejuizo, o unico motivo que há para fallarmos, ou nos lembrarmos de alguém, he só-

mente a curiosidade, paixão, que aindaque mais ou menos companheira da razão, sempre se pôde reprimir, vencer, ou divertir d'um objecto particular.

Entre as inferiores classes dos homens poucas vezes se encontrará o desejo de saberem de alguma cousa, excepto daquillo, que immediatamente pôde contribuir para os aliviar de algum incómodo, ou donde possam tirar alguma ventagem e proveito. Diz-se que os Turcos se admirão, quando um estrangeiro convida a outro para irem passear só com o fim de tornarem a voltar; e que perguntão, como he que alguém pôde tomar um incómodo sem algum interesse? Da mesma sorte os que pelo seu estado de fortuna só prestão attenção ás suas proprias necessidades, sem estarem habituados a olhar muito para o futuro, não poderão facilmente comprehender, como he que se podem passar noites e dias em estudos, que só tem por fim outros estudos, e que, como diz Malherbe, não tendem a diminuir o preço do pão: nem o mercador, ou artifice facilmente acreditarão, que se possa derivar grande prazer do mero conhecimento de cousas succedidas em remotos paizes, ou em tempos, que ha muito passarão, ou mereção investigar-se cousas, ou pessoas, de que sômente podemos ouvir o nome, mas que nada podem influir sobre a nossa vida.

A verdade he que a mui poucos resta tempo de seus necessarios negocios para reflectirem sobre o que se conta, e sobre os elogios que se fazem; e daquelles, que pela sua fortuna vivem mais á sua vontade, a maior parte crião obrigações para si mesmos, deixando-se dominar ou pela ambição, ou pela avariza, ou por outra alguma paixão, a que não sabem resistir. O que cuida em ajuntar dinheiro, só pensa no modo de augmentar seus interesses, na aptidão dos fiadores, e na segurança das hypothecas; o amante não dá ouvidos a algum outro nome, excepto ao de Corinna, e o cortezão julga por perdido todo tempo, que se não gasta em facilitar e promover o seu adiantamento. Assim as acções brilhantes, e as descobertas

nas sciencias são pela maior parte recebidas com frieza, attendendo cada um sómente á sua propria paixão, ou divertimento favorito, em que não gosta de ser interrompido, ou perturbado.

Mas não só os cuidados, que podem seduzir a imaginação com apparencias de dignidade, ou com esperanças de prazer, divertem a attenção dos homens das cousas que lhes não interessão; a curiosidade pôde igualmente ser destruida por inimigos menos formidaveis, e menos terribes; pôde dissipar-se em bagatellas, ou enregelar-se pela preguiça. O caçador, e o casquilho trazem a imaginação occupada com uma lebre, ou com um bando de perdizes, com um baile, ou com uma pluma, e vivem na ignorancia e no desprezo de tudo o mais com tanta satisfação, como aquelle, que ajunta dinheiro, ou sollicita emprêgos, que lavra o campo, ou bate na bigorna: e alguns, ainda mais inferiores na ordem dos entes com raciocinio, passam dormitando os dias sem prazer, e sem cuidados, sem alegria, e sem tristeza, nem jámais acordão do seu lethargo para ouvir, ou para pensar.

Ainda daquelles, que se dedicão ás sciencias, a maior parte restringem sua curiosidade a mui poucos objectos, e não gostão de promover a fama, excepto aquella, de que elles tambem pelos seus estudos podem participar. O Naturalista não deseja conhecer as opiniões, ou as conjecturas do Moralista, o Botanico olha para o Astrónomo como indigno da sua attenção; o Legista mal ouve o nome de um medico sem desprezo; e o Químico, que por electrizar uma garrafa se julga feliz e grande, pergunta admirado, como he que alguém se pôde interessar nas inuteis discussões sobre a paz e sobre a guerra?

Por tanto o que imaginar o mundo cheio da sua fama e elogios, se deduzir do numero de seus admiradores todos, os que estão muito abaixo dos vãos da fama, e que nos valles da vida não ouvem senão a voz da necessidade; se deduzir todos, os que se imaginão muito superiores para lhe terem algum respeito, ou que julgão a menção

do seu nome, como cousa, que lhes tira, e usurpa o tempo; se deduzir todos, os que ou muito, ou muito pouco se comprazem com sigo, para poderem dar attenção a alguma pessoa, excepto a si mesmos; todos os que são atrahidos pelo prazer, ou ligados pela dôr sempre ás mesmas idéas; todos, os que não podem acompanhalo no seu triunfo, divertidos por outros prosequimentos, e todos os que dormitão n'uma total negligencia: elle achará a sua fama restringida por limites mais proximos, do que os rochedos do monte Cáucaso, ou as margens do rio Ganges, e sentirá que ninguem pôde ser de consideração e de respeito, senão para uma pequena parte dos seus semilhantes.

Para não afrouxarmos pois em nossas pertençações, e esforços para conseguir nome e immortalidade, he preciso que levantemos os olhos para objectos mais nobres, e mais sublimes, que os fitemos sobre nossa futura e eterna vida, sem entregarmos os corações aos applausos da multidão, nem fixarmos nossas esperanças sobre taes premios, como os homens e o mundo podem conceder.

(Traduzido do Original Inglez.)

A V I S O.

Vende-se na Loja da Real Imprensa da Universidade, e na de Orcei, pelo preço de 80 reis cada Numero.

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1821.

O AMIGO



DA ORDEM.

*Rara temporum felicitate, ubi sentire, quae velis,
et, quae sentias, dicere licet!*

Tac. Hist. Lib. I.

NA geral corrupção de costumes nascida do systema de Governo, sob o qual gemiamos antes dos memoraveis dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro, não he de admirar que a Reforma, que se pertende fazer, ache tantos contrarios e detractores. Quando rompeo o primeiro grito da liberdade, a Superstição, e o Egoismo aterrados não soubêrão mais que pallidamente assentir ao applauso geral, lastimando-se em segredo da perda de suas funestas prerogativas, e olhando para o futuro com espanto, e horror. Pensárão que os magnanimos promotores da nossa Regeneração se servirão da força, que lhes dava a opinião, para destruirem inteiramente os perfidos inimigos da felicidade pública, e se considerárão proximos á sua total ruina, porque julgavão dos outros por si mesmos. Porém quando virão que o Systema Constitucional progredia tranquilla e magestozamente, escudado pela evidencia da verdade, e pelo geral sentimento da miseria a que estavamos reduzidos, e que exigia uma necessaria reparação; quando virão que elle pertendia fazer todo o bem, fazendo o menor mal possivel; espantados d'um fenomeno, que lhes parecia sobrenatural, começárão então

a respirar, e a perder o susto, e a sua imaginação; sempre fecunda em conceber motivos de esperança, lhes suggerio que era fraqueza aquillo, que na realidade só era virtude. Desta idéa nasceo a de considerarem o seu grande numero, a de olharem para a ignorancia e estupidéz da maior parte do Povo, e a de se persuadirem que se poderião ainda manter, destruindo o grandioso e magnifico edificio, cujos alicerces já estavam lançados. Para isto pois recorrêrão ás suas tramas favoritas de desacreditarem tudo, quanto considêrão opposto a seus interesses; chamarão impiedade ao que nada tem com a Religião, e immoralidade áquillo, que só tende a estabelecer a boa moral. Nestes termos não tem havido infamia, de que elles não tenham coberto os amigos da Constituição, e isto de baixo d'um nome, que elles querem fazer crer que contém em si toda a maldade.

He cousa averiguada, que em todos os séculos sempre a Superstição e o Egoismo inventarão um nome particular, cuja significação sendo ignorada pelo povo, se facilitava a todas as sinistras interpretações, de que se serve a malicia para desacreditar os amigos da luz e da verdade. A *Mágica*, que fez queimar tantos milhares de victimas innocentes, succedeo o nome de *Pedreiros Livres*, que agora serve para o mesmo fim, inda que não para o mesmo effeito, o que só he devido ás luzes do tempo; e o povo ignorante, que ou teme, ou respeita tudo o que não comprehende, sendo ensinado a temer este nome, lhe une uma idéa vaga de crime e de maldade, que infama áquelles, a quem elle se applica. He pois desta palavra, que os inimigos da Constituição tem feito uma terrivel arma contra a liberdade, e que presentemente serve para desacreditar a honra d'um bom Pai de familias, o zelo e a decencia d'um virtuoso Sacerdote, e a probidade e inteireza d'um Magistrado incorruptivel. Mas não he só a isto que se limitão os inimigos da Constituição para conseguirem o seu fim; aterrão o miseravel povo com vagas noticias de imminentes perigos, e o poem

em desconfiança da boa fé de seus libertadores. As notícias, que hoje se desmentem, são logo substituídas por outras tão falsas e tão atrozes, como as antecedentes; de sorte que eu me admiro de que na sua quasi geral estupidez seja tão fecunda a sua imaginação. Tal he a propensão que o homem naturalmente tem para o mal!

Quanto a mim julgo que não pôde haver maior maldade do que o estorvar o bem, que se pertende fazer a uma Nação. Que a Constituição só tem por fim o bem público já ninguem pôde negar á vista do que no Augusto Congresso das nossas Côrtes se tem discutido, e tratado; e que a este bem público deve ceder qualquer interesse particular, principalmente, quando este se lhe oppoem, he uma proposição tão evidente, que só a cegueira da Superstição, ou do Egoismo não poderá vêr a sua luz. Que terão elles que dizer contra as bases já discutidas e approvadas, em que se deve fundar o systema do nosso Governo Constitucional? Não são por ventura estes os direitos, que competem a todo o homem em sociedade? Consultem-se os detractores da Constituição a si mesmos, afastem de si toda a preocupação, e interesse pessoal, sejam sinceros e dignos, se lhes não será mais nobre e honroso o pertencer a uma Nação assim constituida, do que o viver sob um Governo despotico, de que elles mesmos a cada passo erão victimas, sujeitos á venalidade, ás intrigas e ao capricho, e em que erão obrigados a passarem talvez por todas as baixezas para obterem honras e riquezas, que pela maior parte cedião em menoscabo e prejuizo de si e de seus semelhantes? Sim, tambem de si mesmos, porque nunca a boa razão terá por feliz um homem, que vive de opprimir os outros, nem nunca um destes poderá viver tranquillo, considerando que gosa aquillo que não merece.

Talvez dirão elles que porque eu não perco nada, por isso me interesso tanto no systema Constitucional. Eu não sei se perderei alguma cousa, e se um Governo mais intelligente me julgará habil e proprio para continuar a exercer o tenue emprego, de que goso na socie-

dade; mas se perder, consolar-me-hei, quando olhando para mim mesmo, considerar que sou um Cidadão, e que gozo dos direitos, que me competem como homem; que de minha industria, trabalho e diligencia depende toda a minha fortuna, e que se o meu comportamento for conforme ás leis da Religião, e da Sociedade, nada me poderá obstar: consolar-me-hei, quando olhando para meus filhos, considerar que os não deixarei victimas da escravidão, como eu fui uma boa e melhor parte da minha vida; que não ficarão sujeitos aos caprichos, ou ao odio de inertes e maliciosos Mandões de quem nada se obtinha, senão por meios indecentes, intrigas e baixezas. Fiquem muito embora pobres, e vivão pobres, mas não percão a dignidade d'homens, e possão usar franca e rasoavelmente das facultade, que a todos concedêo o Creador Omnipotente. Quanto a mim, não julgo a qualquer feliz por ter muito, mas por ter o necessario; e o necessario se limita a mui pouco, e este de facil aquisição. Ajunte-se a isto o socego de espirito, e eis-aqui tendes um Cidadão venturoso.

Mas esta felicidade, talvez a unica, de que o homem he capaz na curteza de sua vida, poderia por ventura obter-se sob o antigo systema de Governo? Quem poderia viver em socego por mais tranquilla que estivesse sua consciencia, quando estava exposto a ser subitamente arrebatado do seio da sua familia, e conduzido para os terriveis e tenebrosos calabouços da Inquisição, ou da Intendencia? Como poderia ser feliz um homem de bem e intelligente, vendo a oppressão do Povo que gemia, a ignorancia e o orgulho de tantos miseraveis Mandões, a venalidade da justiça, a corrupção, e o desprezo das Leis, e a inepcia e o desmaselo d'um Governo, que nada se interessava pelo bem da sociedade? Quem em taes circumstancias pertendeo mostrar-se honrado e virtuoso, que logo não attrahisse sobre si o odio e o rancor do orgulhoso Egoismo, que o olhava como uma viva reprehensão do seu vil procedimento? Quem jámais seria feliz, não podendo dizer a

verdade que entendia, e sendo obrigado a gemer sobre as calamidades públicas sem poder declarar o motivo dellas? Ah! eu de mim o digo; a indignação, que me excitava este terrivel espectaculo, subia ás vezes a tal ponto, que eu não sei como algumas a sua violencia me não acabou, e muitas vezes maldisse o ter aprendido a lêr. Na verdade em taes circumstancias he mais util o lethargo da estupidez, do que a sensibilidade da intelligencia.

Contra isto parece-me estar ouvindo alguns, que me dizem: Certamente havia muitos e grandes abusos; as leis não se comprião; a maior parte dos Empregados públicos erão indignos, e tudo chamava por uma reforma; porém esta se poderia obter, representando ao Soberano nossas queixas, o qual não deixaria de lhes dar algum remedio. Os que assim fallão serão porventura sinceros? Se assim he, não pôde haver uma prova mais decidida da sua estupidez. Quem jámais ousaria representar ao Soberano a malversação e a inutil dissipação do Patrimonio público, a ignorancia e as más tenções dos Empregados do Governo, e os inveterados abusos, causa de tantos males, que logo não excitasse contra si mil forcas e mil fogueiras? O nosso Soberano na verdade he amigo da justiça, deseja o bem de seu Povo; mas falsas preocupações de soberania, e auctoridade absoluta, e milhares de sanguexugas, que lhe rodeávão o throno, se oppunhão a que se attendesse ao bem da Nação. O que pretendesse dizer-lhe a verdade passaria por um criminoso de Lesa Magestade, por um inimigo do socego público, e infallivelmente sería victima do seu Patriotismo muito antes de se ter feito escutar. Quem pois disser que alguém antes do dia 24 de Agosto podia queixar-se, ou he louco, ou tão estúpido, que pensa abusar da razão dos homens sensatos.

Não certamente, para nossos males não restava outro remedio, senão o de uma Constituição feita por meio d'uma Representação Nacional, que ligasse forçosamente o Soberano, e os Empregados no Governo ao bem público; foi isto o que se pretendêo, e foi isto o que feliz-

mente se obtêve. Organizou-se a Representação Nacional; cadaum de nós concorreo livremente para a eleição dos seus Membros; estes já estão reunidos, e já temos as bases d'uma Constituição, bases que acreditão a sua sabedoria, prudencia, e desinteresse. Se elles errarem nalgumas decisões, o que pôde muito bem succeder, visto que elles não são Anjos, mas homens; o mal que daqui resultará não será eterno, nem sem remedio, como era d'antes. Se a experiencia de quatro annos nos ensinar que deve alterar-se, ou accrescentar-se alguma cousa util á Nação; este espaço he mui curto para nos não tornarmos impacientes. Deste modo a Reforma se irá sempre aperfeiçoando mais e mais, até que enfim o Estado chegará áquelle ponto de perfeição, a que podem chegar as cousas humanas.

E he contra taes medidas, e projectos de tanta utilidade que alguem pertende oppor-se? Portuguezes! Conhecei vossos inimigos nos detractores e murmuradores da Constituição. Não deis ouvidos a suas malevolas suggestões, se não quereis ser victimas da terrivel Anarquia, para a qual vos pertendem conduzir. Vêde até aonde chega a maldade do Egoismo e do Fanatismo! Elles antes querião vêr nossos predios, e'lares incendiados e destruidos pelos indomitos e cruéis Tártaros do Don, do que vêr estabelecido entre nós um systema de Governo liberal, e que trate do bem commum da Nação. Ah! Que se elles podessem sentir sós os males d'uma invasão dos barbaros do Norte, sem que ao mesmo tempo a sentissem Cidadãos innocentes e pacificos, eu tambem lha desejaría! Augusto Congresso Nacional! Apressai-vos a consumir quanto antes o brilhante edificio da nossa Restauração. Olhai que a Patria está em perigo, e que ferozes inimigos não cessão de cavar a sua ruina. Temei a divisão porque tanto suspirão os detractores do bem público, e diga cada um de vós a sua opinião sem pertinacia, e sem espirito de partido. Desta sorte nós veremos bem depressa estabelecida a felicidade de uma Constituição, e virá um tempo, em

que nossos vindouros sentados socegradamente á sombra da fecunda arvore da Liberdade, entre o seu prazer, e congratulações cheias de ternura, se dirão uns aos outros: A Constituição Portugueza foi formada e estabelecida pelas Côrtes Geraes, Extraordinarias e Constituintes de 1821! Mil benções e paz eterna aos primeiros Heróes, que levantarão o grito da nossa felecidade!

INVASÃO DE NAPOLES.

NUma época tão fecunda, como esta nossa em grandes acontecimentos vai novamente a apparecer um fenómeno politico, que espantará e encherá de terror os vindouros, e que desde já faz estremecer a razão e a virtude. Gritou-se contra *Napoleão* por este pertender agrilhoar a liberdade das Nações, e ás suas terriveis e innumeraveis cohortes resistirão os Póvos com um ardor e valentia, que só podia nascer da indignação, que lhes causava o vêrem seus direitos offendidos. Milhões de victimas se sacrificarão ao amor da sua Patria, as fortunas se consumirão, e transtornarão, a Europa ficou pobre, mas arrojou o Déspota para o centro do immenso Oceano. Tanto sangue derramado, tantos trabalhos soffridos, tantas fortunas dissipadas merecião alguma contemplação, e os Reis devião comprehender que não era só por elles que se tinham feito tantos sacrificios, e que os Póvos, quando sacudião um jugo estrangeiro, não quererião soffrer o domestico, ensinados a repulsalo. Elles então deverião consultar os desejos dos Póvos, attender por suas necessidades, contractar com elles, e mostrarem-se, quanto podesse ser, agradecidos. Os Reis porém, digo alguns, só consultarão a seus interesses particulares, e sem fazerem algum caso

da opinião pública, dolosamente se ligarão para se manterem na arbitrariedade, que as luzes do seculo absolutamente rejeitão.

Seguiu-se daqui uma luta dos Póvos contra os Reis, dos Póvos, que venerão e respeitão os Reis, mas que só pertendem ser governados por Leis justas, por Leis que elles mesmos estabelecão, porque só elles podem conhecer seus interesses, e que os não exponhão aos eventuaes caprichos da arbitrariedade.

Nada pôde haver mais justo; e he contra isto que os Reis se armão e conjurão! Uma grande Potencia está proxima a invadir um territorio alheio só com o fim de supprimir as legitimas e unanimes pertenções de mais de quatro milhões d'habitantes, e isto porque lhe não faz conta a visinhança d'um exemplo, que pôde vir a ser prejudicial ao seu systema de orgulho e de oppressão. Que diriamos nós d'um particular, que fosse lançar o fogo á casa do seu visinho, só porque este a reedificava e melhorava? Entretanto a Europa em silencio, e aterrada espéra pela execução d'um projecto tão injusto, e que clama vingança ao Ceo, e o infeliz Reino de Napoles está próximo a ser preza do cume e da prepotencia.

Napoles certamente poderá succumbir á maior força, mas eu não sei se poderão ficar por muito tempo impunes taes attentados contra a justiça universal. A violencia poderá fazer por um pouco calar a razão, e a justiça, mas nunca mudar a opinião. Foi sempre esta a que dominou o mundo, a que transtornou os Imperios, e fez mudar a face das cousas; e a presente, escudada pela illustração do seculo, só se poderá esquecer, quando os habitantes da Europa se tornarem tão ignorantes, e tão estupidos como os de Marrocos. Porém digão os entendidos se será possivel uma tal mudança?

Nestes termos nós estamos proximos ao rompimento de novas explosões, que só terminaráo, quando os Reis se persuadirem que não nascêrão para si sós, e que seus interesses se devem combinar com os dos Póvos que repre-

sentão, nem nunca devem ser oppostos aos direitos, que competem a cada individuo, como Cidadão.

DIFFICULDADE DE SE ADQUIRIR NOME.

Daphnis arcum

*Fregisti et calamos ; quae tu , perverso Menalca ,
Et cum vidisti puero donata , dolebas ,
Et si non aliqua nocuisses , mortuus esses.*

VING.

Tu quebraste de Dafnis arco e frautas ;

As quaes cousas ó tu perverso , quando

Viste darem-se ao moço , te dohias ,

E se em parte lhe não fizeras nojo ,

D'inveja e raiva morrêras sem falta ,

LEON. DA COSTA.

HE impossivel ter-se alguma pratica dos homens sem se observar a difficuldade, com que uma nova fama abre caminho pelo mundo. Ao primeiro apparecimento da superioridade mil gentes se conjurão contra ella ; levantão-se de toda a parte inesperados inimigos ; conhecidos , e desconhecidos se reúnem ; a subtileza fornece armas ao despejo , e a ficção marcha á frente capitaneando a credulidade.

Não se concebe facilmente, donde se derive a unanimidade e a força desta alliança. Parece que se devia espe-

rar, que ninguem se inflamaria no desejo de fazer mal, uma vez que não tivesse recebido alguma injuria; que ninguem contestaria as pertençaes d'outrem, se não quando se involvesse na questão algum dos seus proprios direitos; que hostilidades assim começadas sem motivo, ao menos não serão muito duradouras; que brevemente se dissiparão as tropas da inveja, não havendo um interesse commum em se conservarem reunidas, e que o ataque contra uma nova fama se deixaria sómente áquelles, que do bom, ou máo successo della, tivessem que esperar, ou temer alguma cousa.

Os perigos dos que aspirão á fama da eminencia serão muito menos em numero, se elles só tivessem de contender com inimigos descobertos. Então seus contendores serão poucos, e o que he de maior importancia, serão conhecidos. Mas que vigilancia nos pôde defender de golpes, que nos dirige um invisivel aggressor? Que força poderá resistir a incessantes ataques, e a uma continua successão de inimigos? Todavia tal he o estado do mundo, que mal alguém se eleva acima do ordinario, e attrahe sobre si os olhos do publico, logo o mesmo se torna alvo dos tiros da emboscada calumnia, e recebe na confusão da batalha de lugares distantes, e desconhecidos feridas, que nem sempre são faceis de se curar.

He de querer que o impeto contra os candidatos da fama he primeiramente incitado por aquelles, que se imaginão em perigo de soffrerem algum damno do bom successo dos outros. Porém, declarada a guerra, concorrem mil voluntarios ás bandeiras, um sem numero de gente segue o campo, sómente por não terem que fazer, e por toda a parte se derramão ligeiros esquadrões, tão contentes da oportunidade de devastarem, que se afadigão sem esperanças de louvor, e prêão sem esperanças de proveito.

Quando alguém pertende distinguir-se, ficará muitas vezes espantado de ouvir que se deprime e censura o seu nome em pannes, aonde elle nunca esperou ser conhecido, e de achar a maior acrimonia da inveja entre pessoas, a quem elle nunca offendeo.

Cómo a serviço da inveja militão pessoas de todos os temperamentos, e de entendimento mui diverso, por isso a calumnia se divulga por todos os methodos, e por todos os modos, de que he susceptivel a sua propagação. Nada he muito grosseiro, nem muito delicado; nada muito cruel, nem muito inutil, de que se não julgue dever-se lançar mão: tem-se mui pouco respeito ás maximas da honra, e da decencia em fazer a guerra; julga se legitima toda e qualquer arma, e os que não podem dar golpe, ou estocada mortal, se contentão ao menos com ficarem na briga, sem fazerem mais do que atizala com leves pancadas, augmentando com seus gritos a confusão do tumulto.

Mas da mesma sorte que os Naturalistas tem classificado os ajuntamentos mais confusos e heterogeneos, e tem distinguido os insectos, que mordendo, ou picando, nos atormentão pelo estio, segundo as suas diverssas familias; assim tambem os perseguidores do merecimento se podem commodamente classificar em declamadores, murmuradores, e moderadores.

O declamador he um inimigo mais terrível, do que perigoso, nem tem alguma outra qualidade, pela qual mereça o nome de campeão da disputa, se não um semblante descarado, e uma voz atroadora. Cómo elle antes deseja fazer calar os outros, do que convencêlos, por isso funda-se mais em gritos, do que em argumentos, nem trata muito de ser consequente nas suas accusações, nem de conservar a decencia em suas palavras, ou a probabilidade naquillo, que conta. Tem sempre um almazem de injuriosos epithetos, e de nomes de desprezo, promptos para se abrir á primeira occasião, e que elle por um continuado uso esgota com incançavel volubilidade. Falla-se na riqueza d'um negociante? Logo elle sem hesitar affirmar que está perdido, e que em poucos dias fará banco roto. Louva-se a belleza de uma senhora? Elle se admira de como he que se pôde amar uma rustica fealdade. Se acontece elogiar-se uma nova producção litteraria, clama que o

autor he um idiota, que nada se pôde esperar d'elle, que não tem conhecimento de livros, nem de costumes, nem sabe o modo porque elle se adquire. Estas exagerações de ordinario não produzem algum effeito sobre aquelles, que são obrigados a ouvillas; e aindaque ás vezes possa acontecer que o timorato se aterre por seus gritos, e o credulo tome o seu despejo por sciencia; todavia as opiniões, que um destes pertende supprimir, logo recobráo sua primeira força, como arvores, que, cedendo á violencia da tempestade, tornão a erguer-se, apenas ella passa.

O murmurador he mais perigoso. Este facilmente ganha attenção pela doçura de suas palavras, e excita a curiosidade por um certo ar de importancia que assume. Como os segredos se não devem baratar pela vulgar publicação; porisso elle convoca um auditorio escolhido, a cuja vaidade gratifica por uma apparente confidencia, communicando-lhe em voz baixa alguma cousa, que só delles confia. Do negociante diz: que, aindaque elle pareça manejar um grande commercio, e falle soberbamente de seus fundos, com tudo a sua riqueza não he igual á sua reputação; porque há pouco perdêra muito n'uma despendioza especulação, e tinha maior parte do que se dizia no importante navio, que ha dias pela tempestade se perdêra. Da formoza só tem que dizer que alguns, que a tinham visto de manhã, não conhecêrão nenhuma daquellas graças, que no passeio tanto se tinham admirado. Do autor affirma com toda a confiança que a obra sem dúbida he de um merecimento incontestavel, mas que o seu escriptor tem poucos direitos á fama, que della resulta, porque deve a maior parte das imagens e dos sentimentos a um amigo occulto; e que a exactidão, e a igualdade de estilo se devia a uma successiva correcção dos melhores criticos do tempo.

Como qualquer gosta de imaginar que sabe alguma cousa, que vulgarmente se ignora; porisso tudo o que se diz em segredo, facilmente se acredita; mas de ordinario só se acredita, em quanto anda pela boca dos mur-

muradores; porque logo que publicamente se divulga; tambem publicamente se contuta.

O moderador he um inimigo mais terrivel, e mais perigoso. Sem mostrar algum interesse na cousa, de que se falla, senão uma honesta curiosidade, este imparcial, e zeloso investigador da verdade sempre está prompto para ouvir o que se diz d'ambas as partes, e sempre disposto para benignas interpretações, e para julgar a favor. Tem ouvido fallar no commercio do negociante com grande veneração; mas que tendo exactamente comparado o que se diz a favor ou contra, vê-se obrigado a concluir que he provavel, que, estando o esplendido edificio do seu negocio fundado sobre uma pequena base, se veja agora ameaçar ruina; porém que ha uma grande differença entre o demorar pagamentos, e o fazer banco roto; que alguns negociantes se tem sustido algum tempo por varios expedientes, sem que a final seus credores soffressem algum prejuizo, e que aquillo, que por um acaso se perdeu, se pôde mui bem ganhar por outro. O mesmo a respeito da formoza, que se elogia, crê que uma senhora moça, e que gosta de ser admirada, desejando fazer perfeito o que já he excellente, pôde mui bem realçar seus attractivos por meios artificiosos, mas que seguramente a maior parte das perfeições daquella, de que se falla, devem ser naturaes; e quem ousará dizer que ella he tudo aquillo, que pertende parecer? O autor conhece elle por um homem estudioso, aindaque talvez nunca poderá brilhar com o fogo de Homero; mas que tem a prudencia de descobrir seus proprios defeitos, e de os corrigir pelo auxilio d'outros mais instruidos; e que na sua opinião a modestia he uma qualidade tão amavel, e tão rara, que sempre deve ser elogiada aonde quer que appareça, e que justamente deve ser preferida pelo público ao talento petulante, e á litteratura jactanciosa.

O que desta sorte descobre defeitos, parecendo que o faz contra vontade, e diminuindo aquelles que não podem ser negados, por um só acto impoem silencio á dú-

vida, e á justificação: os ouvintes descansão na sua candura, e admittem a accusação, sem permittirem a defeza.

Taes são os artificios, com que o invejoso, o ignorante, e o preguiçoso embaraço os progressos do merecimento, que não podem igualar; e com artificios tão abominaveis se desacredita a industria, se infama a belleza, e se deprime o talento.

(Traduzido do Original Inglez.)

A V I S O .

POr inadvertencia não disse no primeiro N.º deste Periodico, que plano me tinha proposto para a sua composição. O meu objecto principal pois he publicar por este modo alguns Discursos moraes traduzidos e escolhidos dos Periodicos Moralistas Inglezes, como o Vagabundo, o Preguiçozo, etc. Discursos, que naquella Nação, certamente uma das mais polidas e civilisadas da Europa, mercêrão geral applauso. A estes accrescentarei tambem alguns de minha propria composição, e accomodados ás nossas politicas circumstancias, e isto com o fim de concorrer para a vulgarisação das idéas Liberaes, sem a qual não se poderá sólidamente estabelecer o Systema Constitucional de Governo, que tão felizmente temos adoptado. Quanto ao merecimento dos traduzidos, he este para mim incontestavel, se a má traducção os não viciar, e pelo que respeita aos outros, eu farei, quanto couber nas minhas fracas forças, porque não desagradem.

Sendo pois tal o meu plano, destituído inteiramente de noticias, de que o Público presentemente, e com razão he tão ávido, e achando-se além disto fechada a Universidade, eu não me admirarei de que Discursos de mera instrucção, ou recreio achem poucos compradores. Porisso, e porque as minhas circumstancias me não permitem o ter empatado por muito tempo o dinheiro, que se despende na impressão destes Discursos, eu me vejo obrigado a declarar, que não publicarei o terceiro N.º sem que antes tenha uma rasoavel lista de Assignantes, por quem se dêvão distribuir. Por tanto os que quizerem concorrer para a publicação deste Periodico, podem dar seus nomes em Coimbra na *Loja dos Livros da Imprensa da*

Universidade, e na de Orzel; no Porto na da *Imprensa ã*
Praça de Santa Thereza N.º 13, em Lisboa na da *Loja de*
Livros de Francisco Xavier Carvalho; e poderão tambem
 remetter seus nomes ao Editor, ou directamente, ou por
 meio daquellas pessoas, que quizerem ter a bondade de se
 encarregar da presente subscripção. O preço da subscri-
 pção pelo primeiro trimestre será de 960 reis, o qual se
 pagará sómente depois que os Senhores Assignantes tive-
 rem recebido o 3.º N.º devendo então ficar na certeza de
 que continuarão a receber cada semana os Numeros succes-
 sivos até á conclusão do trimestre.

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. 1821.